

A questão do currículo da escolaridade obrigatória tem merecido, por parte da nossa comunidade escolar, uma reflexão que nos permite, desde já elencar algumas preocupações que abaixo expomos:

- A introdução de provas finais e exames nacionais, sobretudo, a importância que lhes é atribuída, veio provocar uma sobrevalorização das disciplinas sujeitas a prova/exame e um desinvestimento nas restantes áreas (por escolas, alunos e famílias), com particular incidência na educação artística, educação física. Por outro lado as próprias formas de avaliação foram “contaminadas” pela importância e peso que é atribuído à avaliação sumativa – interna e externa – deixando para segundo plano, a função de “regulação do ensino e das aprendizagens” essencial nos processos de aprendizagem. Esta situação tem condicionado, também, as metodologias de trabalho que obrigam a um “treino para as provas e para os critérios das provas” em vez de se procurar desenvolver aprendizagens de uma forma contínua e global.
- A extensão dos programas e a recente introdução de metas curriculares, com referência anual impedem a atenção e a consolidação dos conteúdos não adquiridos/aprendizagens não realizadas;
- A complexidade dos programas, nomeadamente nos primeiros anos de escolaridade, impede o desenvolvimento e consolidação de aprendizagens nucleares para um percurso escolar de sucesso. A título de exemplo referimos a introdução, logo no 1º ciclo, de noções de estatística que utilizem modelos estatísticos pouco utilizáveis, como o diagrama de caule e folhas ou ainda a introdução da noção de número fracionário no 2º ano de escolaridade, sendo que o desenvolvimento dos alunos dessa faixa etária não permite o entendimento deste conceito que implica já um grau de abstração excecional. Nesta fase é necessário que se consolide a noção de número e as operações elementares. Este pormenor foi objeto de questionamento dos testes intermédios de 2º ano – que solicitava até a noção de fração equivalente.

Estas situações impedem o desenvolvimento de um currículo equilibrado, que permita o desenvolvimento de aprendizagens consolidadas, nas suas diversas áreas, sentindo os professores e os alunos que o processo de aprendizagem não é marcado pelo ritmo de cada aluno/turma mas antes pela necessidade de “se cumprir programas” extensos e complexos – passíveis de sucesso apenas por uma elite – e de “preparar para exames/provas finais”.